



Raspador de calçado

Época moderna ou contemporânea

Metal

Museu Municipal de Loures

Localizado à direita, no topo dos degraus que dão acesso à galilé da capela do Espírito Santo, do Convento da mesma invocação, na Mealhada, Loures, no exterior do espaço, outrora conventual, ao qual, para confissões e atendimento dos ofícios religiosos, a população então acedia, encontrava-se e encontra-se um raspador de calçado.

Objeto de utilidade prática, impunha-se como muito necessário em tempos em que raspar o calçado, de lamas e sujidades, se tornava imperativo a quem tencionava aceder aos espaços sagrados e, mesmo, a qualquer outro espaço interior que não se quisesse marcar com pegadas enlameadas ou sujas.

Com a função de raspar e limpar as solas do calçado, este objeto era fixo ao chão e era executado em metal para maior resistência.

A existência de um raspador de calçado junto à entrada da capela convida à imaginação de como seria, em tempos passados, o acesso a esta, ou seja, como seria o caminho percorrido por quem vinha à capela.

Existe um apontamento de Frei Cláudio da Conceição que nos dá uma boa imagem desse caminho próximo do lugar da Mealhada, em tempos de inverno.

O Tomo XI da obra Gabinete Histórico, de Frei Cláudio da Conceição, entre muitas outras coisas, padre da província de Santa Maria da Arrábida e Cronista do Reino, publicado a 26 de outubro de 1827, cronologicamente balizado entre os meses de maio e julho de 1750, dá conta de um grande favor que os religiosos da província de Santa Maria ficaram a dever ao rei D. João V, o qual "sendo de utilidade para os Padres, serviu de grande benefício ao Público". E conta: "Na freguesia de Santa Maria de Loures, próxima ao Lugar da Mealhada; em hum Oiteiro desviado da estrada, fronteiro a Frielas, ao Norte da cidade de Lisboa (), está o Convento dos Arrábidos dedicado ao Espírito Santo, fundado em 1573, (). Ficando este Convento desviado da estrada, não tinha mais serventia para elle do que hum caminho de pé posto, que no inverno se fazia intransitável, tanto aos Padres como ao Povo, que alli frequentava o Convento; nestes termos se resolverão os Padres a virem pedir a El-Rei á estrada defronte do Convento, e que vai dar a Loures (...), quando ia a Mafra pelo caminho da Cabeça, que lhe mandasse fazer huma estrada dalli até ao Convento: Sua Magestade imediatamente a mandou fazer, e de facto até ao presente [1827] tem servido da maior utilidade."

Não tendo datas exatas para a utilização deste raspador de calçado, é possível dizer que o mesmo terá tido uma utilização ao longo da época moderna. Mas é também certo que, mesmo depois da estrada feita até ao Convento, o raspador terá continuado, durante largo tempo, a ser muito necessário, pelo menos durante o tempo em que as estradas de terra não deram lugar a estradas, ou de macadame ou alcatroadas. Podemos dizer que este raspador de calçado acompanhou a extinção da ordem religiosa que viveu no Convento e que a sua utilização se terá prolongado pela época contemporânea, até tempos relativamente recentes, já no século XX.

Objeto obsoleto, hoje, porque já não utilitário, mas importante, também, na história da Quinta do Conventinho onde toma, nos dias de hoje, lugar como peça de museu.

